

**Sessão Mutual Films:
“Caso nos esqueçamos...”
Julho 2019**

A apresentação seguinte ao *A busca do lucro e o sussurro do vento* foi escrita por John Gianvito, para acompanhar as projeções do filme no IMS. A Sessão Mutual Films deste mês também conta com o filme *A Palavra*, de Carl Theodor Dreyer.

Crescendo nos Estados Unidos no período em que eu cresci, e particularmente no ambiente de classe média em que fui criado, era fácil cair no encanto da crença de que este país era o principal pilar da liberdade no mundo, uma nação nobre compromissada em sua essência a defender os princípios da democracia e justiça para todos. Todos os dias, durante o ensino médio, nós nos prontificávamos a coletivamente colocar a mão no peito para jurar lealdade à bandeira. Na pré-escola fomos educados com uma versão da história americana na qual o expansionismo para o oeste foi construído para ser uma gloriosa conquista sobre a natureza, com escassa menção aos nativos, cujas terras e vidas foram, num piscar de olhos da história, obliteradas. A televisão – que estava se tornando popular – frequentemente se mostrava igualmente limitada sobre essa dura realidade, mantendo muitos de nós confortavelmente embrulhados em sonhos sufocantes e sedutores da indústria do entretenimento.

A busca do lucro e o sussurro do vento é uma tentativa de oferecer uma breve meditação visual sobre algumas histórias dos Estados Unidos frequentemente não contadas – especificamente sobre a história dos que lutaram e sofreram, derramaram sangue e muitas vezes morreram, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Eu chamo de meditação visual por ser um filme que oferece uma quantidade suficiente de espaço de contemplação. Neste sentido, frequentemente digo que é um filme que fiz apenas 50%. Os outros 50% são feitos – ou não – com o que cada um faz com o espaço que é oferecido.

Como tem sido minha experiência de que indivíduos em outros países fora dos Estados Unidos frequentemente conhecem melhor nossa história do que muitos cidadãos americanos, eu não tenho como presumir qual será a resposta de vocês para esse pequeno e silencioso filme tão focado numa espécie de ‘história obscura’. Entretanto, é provável que muitos dos eventos e nomes que vocês verão não serão familiares. O fato deles não serem familiares para a maioria das pessoas em meu próprio país, claro, não é por acaso. Todas as nações possuem uma relação com a história suprimida.

Tenho esperança de que encontrarão alguma ressonância com histórias do próprio Brasil – aquelas que continuam públicas, as que foram esquecidas e as que tem sido intencionalmente suprimidas. Por que o conhecimento de um passado aparentemente empoeirado é tão vital? Eu posso pensar em várias respostas para essa pergunta, mas vou evocar essas palavras sucintas de Noam Chomsky: “A amnésia histórica é um fenômeno perigoso, não apenas porque ela menospreza a integridade moral e intelectual, mas porque ela pavimentava o caminho para crimes ainda por acontecer.”

Quanto ao par com *A Palavra*, estou profundamente emocionado por essa escolha. E, para ser honesto, um pouco intrigado. Certamente Aaron e Mariana não teriam como saber que durante o colegial, quando minha paixão pelo cinema se inflamou pela primeira vez, Dreyer foi o cineasta que mais me cativou, junto com Buñuel. Nem sabiam eles que um trecho de um filme de Dreyer aparece em um de meus primeiros filmes, que não foi lançado. Mas em termos específicos de conexões temáticas eu deixo aberto para discussão. Carl e eu tomamos rumos diferentes, ele tendo declarado certa vez que “Eu não sou um rebelde. Não acredito em revoluções. Muitas vezes elas nos levam muitos passos para trás. Sou mais inclinado a acreditar em ‘evoluções’ com pequenos passos para frente”. Mas sua vida de confrontos com todas as formas de intolerância e abuso de poder continuam sendo uma fonte de inspiração e respeito. De fato, na minha estimativa, *A Palavra* não é apenas um filme sobre o poder da fé e da ideia de milagres, é em sua própria existência um milagre: Uma verdadeira obra de arte perfeita.

Espero que vocês achem revigorante a experiência de ver esses filmes, no sentido mais profundo da palavra. Eu também espero que esse trabalho ofereça alimento para reflexão – e para ação. Sob as nuvens negras da Trumplândia, céus que levam sombras por todo o frágil globo, eu sigo encorajado pelas palavras da famosa escritora anarquista, feminista Emma Goldman, cujo lema constante foi – “Aos Ousados Pertence o Futuro!” Avante, amigos!